

A EXPERIÊNCIA DO LUGAR:

**OLHARES E REGISTOS
DA PAISAGEM.**

Exposição Coletiva

30 nov. — 12 jan.



Inauguração 30 nov. 18h00

Átrio principal

Escola Superior de Comunicação Social

**MUSEU da
PAISAGEM**

Margarida Carvalho

A EXPERIÊNCIA DO LUGAR



A exposição coletiva *A Experiência do Lugar: Olhares e Registos da Paisagem* nasceu de uma proposta feita aos participantes do workshop *Olhar o Território para Compreender a Paisagem – Metodologias para a Interpretação e Representação do Lugar* dado pelo fotógrafo Duarte Belo na Escola Superior de Comunicação Social no outono de 2017. A conceção desta exposição partiu da série fotográfica nela apresentada da autoria de Duarte Belo, fotografada em dezembro de 1990, na colina isolada e recortada pelas faixas de trânsito de Benfica que nos dá a descobrir a paisagem nua onde depois se ergueu o edifício da Escola Superior de Comunicação Social.

Do terraço do terceiro piso da Escola Superior de Comunicação Social pediu-se aos participantes do workshop que escolhessem um lugar abrangido pelo olhar a partir de um determinado ponto do espaço do terraço. Seguidamente cada participante iria ao encontro do “seu” lugar na paisagem, registando a experiência observada e sentida nele. O registo destas experiências materializou-se em fotografias que foram depois pensadas numa linguagem relacional de montagem. Assim, as fotografias foram aproximadas entre si e justapostas a palavras que invocassem elementos da experiência dos lugares registados pelos participantes: luz, afetos, reflexos, texturas, recortes, habitar, caminhos, micro-paisagens e arrabaldes.

A exposição resultou do desenvolvimento deste processo criativo coletivo, enfatizando as dimensões da participação e do registo da experiência e da multiplicidade de olhares sobre a paisagem. A opção por diferentes formatos fotográficos, a linguagem da montagem das constelações de imagens e o acolhimento da presença de marcas do labor manual e das diversas materialidades procurou enfatizar a abordagem processual e coletiva da exposição bem como a sua dimensão tátil e afetiva.

A ideia de paisagem é fundamental na prática artística e na perceção estética contemporânea nas quais frequentemente se apresenta como uma experiência do lugar vívida, sentida e representada pelo sujeito. Se podemos considerar a natureza como sendo anterior ao olhar, já a paisagem é criada pelo olhar que interpreta a realidade observada. Tal como José Gil faz notar, no seu livro, *A Imagem-Nua e as Pequenas Percepções: Estética e Metafenomenologia*, o “ver” não se confunde com o “olhar”, na medida em que o primeiro diz respeito à receção de estímulos e à sua descodificação enquanto que “o olhar não se limita a ver, interroga e espera respostas, escruta, penetra e desposa as coisas e os seus movimentos” (Gil, 1996: 48). Olhar uma paisagem não significa apenas descodificar o percebido, mas sim participar na atmosfera que olhamos, deixarmo-nos

habitar pela singularidade do lugar e do momento. A exposição *A Experiência do Lugar: Olhares e Registos da Paisagem* procurou criar uma rede de olhares e experiências da paisagem tecida a partir de encontros entre fotografias e palavras.

Referência bibliográfica: Gil, José. 1996. *A Imagem-Nua e as Pequenas Percepções: Estética e Metafenomenologia*. Lisboa: Relógio D’Água Editores.



Duarte Belo

MORRO VAZIO



Há lugares, por onde regularmente passamos, que, num dado momento, nos prendem a atenção. Haverá o desejo de fixar um espaço, uma condição transitória.

Lisboa, Benfica, 4 de dezembro de 1990. Um dia de chuva na aproximação ao inverno. Havia ali uma “ilha”, aparentemente intocada, um espaço esquecido pelo desenvolvimento da cidade, uma colina isolada, em diálogo com Monsanto a uma distância próxima entrecortada por vias de circulação movimentadas. Partimos para o terreno, para o registo fotográfico do lugar, para a leitura de um fragmento de cidade, emaranhado, complexo e contraditório, conjunto de situações antagónicas. Elaboramos interpretações desses espaços para os tentar conhecer e compreender. Depois poderá haver o desejo de construção de um discurso, uma narrativa, uma forma de comunicar, partilhar. No decurso do processo vamos inventando o seu próprio sentido. Há um diálogo de tensões entre o lugar e as tentativas para o representarmos. Tentamos fugir a formatos óbvios, a modos, previamente definidos, de estudo de um lugar. Trazemos memórias, desejos, transportamos o que ainda não é claro, que não está objetivado.

O tempo passa célere sobre um quotidiano disperso. Muitos anos mais tarde, quase três décadas depois, regressamos a esse lugar.

Voltamos às fotografias feitas naquele dia passado. Observamos um mundo que mudou. Um edifício surgiu, uma escola foi edificada no morro vazio.

Somos este transporte breve de tempo. Lemos o cosmos, decodificamos mundos que nos mostram o infinito em expansão, bifurcações sucessivas de espaço e tempo. As fotografias criam, depois, realidades paralelas. Aparentemente representam um espaço, mas falam do tempo em cronologias alargadas. Um olhar atento e distanciado vai desvelando detalhes e suposições. Nas fotografias está plasmado, também, um processo técnico que não nos fala apenas de progresso tecnológico mas de uma miríade de identidades que os prendem a realidades em fuga. Esta é uma viagem que percorre muitos outros lugares em décadas de caminhar. Há, nestes passos, a possível ligação a um passado muito remoto, vivido por gerações sucessivas de avanço continuado sobre um planeta tão fascinante quanto inquietante e desconhecido. Muitos milhares de anos de sobrevivência e luta continuada pela permanência. Construímos símbolos e sonhos, cidades intermináveis, lugares fora e dentro de uma natureza intacta de que, aparentemente, nos queremos ausentar. Olhamos para trás à procura de um significado para a, simultaneamente demorada e breve, construção de nós próprios. Inomináveis territórios transformados.

Coordenação

João Abreu
Margarida Carvalho

Textos

Duarte Belo
Margarida Carvalho

Série Fotográfica

Lisboa, Benfica,
4 de dezembro de 1990
Duarte Belo

Exposição Coletiva

Beatriz Dias
Bernardo Matias
Diogo Marques
Filipa Ribeiro
Francisco Zenha Preto

**MUSEU da
PAISAGEM**

Helena Figueiredo Pina
Inês Albuquerque
Inês Correia
Joana Gregório
Joana Perre
João Abreu
Margarida Carvalho
Margarida Santos
Mariana Rita
Matilde Reis
Ricardo P. Rodrigues
Rita Máximo
Rúben Neves
Sofia Rocha
Susana Silva

Design Gráfico

Rita Máximo

EXPOSIÇÃO

**A EXPERIÊNCIA DO LUGAR:
OLHARES E REGISTOS
DA PAISAGEM.**



www.museudapaisagem.pt

30 nov. 2017 — 12 jan. 2018

Escola Superior de Comunicação Social